

Messody Benoliel batizou este livro com a locução latina "In verbis". Motivou-a, não o intuito de ostentar erudição e sim, o fato de a expressão tê-la acompanhado sempre, presente nos papéis de sua lavra profissional, ao longo da carreira de advogada.

Agora, num importante "turning point" existencial, resolveu colocá-la a circular num contexto bem diferente. Convocou-a para o espaço lúdico e nada utilitário da poesia, convertendo-a de termo funcional a termo essencial. Como Sartre lucidamente apontou, na poesia, o verbo, ou seja, a palavra não pode ser "utilizada", pois tem aí um fim em si mesma, estando a seu próprio serviço.

In verbis é portanto, a reverência que a autora presta à vocação poética pessoal, à palavra pela palavra. Trata-se da verbalização do complexo e motivo de sua personalidade lírica. Embora interessada na comunicação imediata, no convívio com o público através da encenação e apresentação oral da poesia, área em que vem desenvolvendo trabalhos em grupo nos mais variados ambientes, nem por isso menospreza a publicação dos poemas em livro. Conhecedora do latim, sabe que "verba volant, scripta manent"

Quando digo que intenções eruditas não moveram Messody, esclareço: é que nesta nova etapa de seu trabalho, a autora, sem deixar de lado as formas fixas tradicionais que vem cultivando há décadas, como o soneto e as trovas, adere à estética modernista, beneficiando-se da liberdade métrica e do tom coloquial, gerando uma atmosfera descontraída pela concessão às contingências do cotidiano. Desse olhar voltado para as singularidades da vida brotam poemas que celebram arrebatamentos amorosos, recordações nostálgicas, as figuras da mãe e de amigos, o bairro carioca onde reside, episódios pessoais e realidades brasileiras como o Carnaval e o Gongá de Dona Cida enfim, aspectos daquele mistério da vida, de que nos fala Henriqueta Lisboa e a que Messody nos remete em seus versos.

Astrid Cabral

OFICINA



Índice

Prefácio	03
In Verbis	05
Óbidos	06
Hoje Todos me Fizeram Falta	07
Metamorfose	08
Um Bloco na Praça Mauá	09
Visões	10
Janelas	11
Desertos	12
Viver	13
Dúvida Matinal	14
Tristeza,não	15
O Mistério	16
Paz	17
Tempo Veloz	18
Quem sabe um dia	19
Aquela Esquina	20
A Força da Oração	21
Flamengo	22
Lisboa	23
Coração de poeta	24
Experiências	25
Sol	26
Imortal	27
Milenar Sensação	28
Qué Cachondos!	29
E a brisa... ..	30
Teus Olhos	31
Lua Nossa	32
Pescadora	33
Reflexão	34
Artimanhas	35
Anos Dourados	36

Maria Mineira	37
Falar de Francisco	38
Não Mais Sozinha	39
Desígnios	40
Falar sobre nós	41
Algumas Trovas	42
Lembrei-me	44
Propriedade Absoluta	45
Happy End	46
Amor Canino	47
Discreção	48
Os Turrões	49
Apelo	50
Reina, Rainha	51
Sinal do Tempo	52
E um novo sonho... ..	53
O Congá de Dona Cida	54
A Pitoniza	55
Saquaremando	56
O ser e o Não Ser	57
O que restou	58
Ironia	59
Um Jogo	60
Perdão	61
Um Lago	62
O Clímax	63
Vivência	64
A Espera	65
O Ser Humano	66
Aos Amigos	67
Sobre a Autora	69

OFICINA

In Verbis

©2002 by Messody Benoliel

OFICINA Editores
Delgado & Delgado
Av. Mal Henrique Lott, 270/1406
Rio de Janeiro/RJ - 22631-370
www.oficinaeditores.com.br
oficinaeditores@oficinaeditores.com.br
Capa: Tom Reiss
Impresso no Brasil

Dados Catalográficos

B825m Benoliel, Messody In Verbis / Messody Benoliel - Rio de Janeiro : OFICINA Editores, 2002. 72p. ; 21cm. 1. Poesia brasileira I. Título CDD-869.91 CDU-969.0(81)-1
--

UMA LIÇÃO DE VIDA

Edir Meirelles (*)

Messody Benoliel é um nome que terá de ser lembrado quando do levantamento das manifestações plástico-visuais da cultura dos últimos tempos. Versátil e versada, a poetisa ziguezagueia pelos mais variados campos poéticos: haicais, sonetos (mestra neste gênero) e também pela prosa. Não se pode deixar mencionar outras de suas inúmeras habilidades no uso do idioma de Fernando Pessoa: cordelista, compositora e trovadora de grande fôlego.

Nenhum crítico ou ensaísta verdadeiramente cômico de suas responsabilidades literárias poderá olvidar a obra desta Poetisa com P maiúsculo. E para complementar a minha assertiva, a autora está agora no prelo com o novo livro **IN VERBIS**. Uma obra com temas variados, versos livres e descontraídos. Versos livres, mas conectados com muito ritmo, balanço agradável e melodioso. Sim. Messody é melódica e profunda na simplicidade do seu ver-sejar. Encarna com fidelidade o espírito de sua época: apaixonada pelo que faz, envolvida nas causas artísticas, possui uma visão além dos horizontes comuns.

O universo cultural da poetisa não comporta um olhar rápido. Ao contrário, requer um estudo agudo e metódico. Suas vertentes são variadas e complexas. Pretendo me ater apenas à **In Verbis**.

Messody é uma escritora apaixonada. Vive a arte pela arte. Quer na literatura onde flutua com desenvoltura, quer na música onde é também virtuosa, pois é cantora de múltiplos recursos. Seus versos são sonatas que encantam sempre. São acordes que envolvem o leitor e prendem-no pela audição, pela visão e, acima de tudo, pela alma.

Sua vibração explode encantado nos mais diversos momentos de gozo artístico: na expansão das centelhas criativas e no prazer externado nos instantes de transfiguração. Podemos exemplificar com o poema que abre e dá título à obra:

*Gozo comigo mesma
no momento exato
e quando em prazer
me desmancho
em poesia me (des)faço.*

Seu erotismo também se manifesta vibrante, sedento e sedutor, a enlaçar o amante e dar de si tudo o que for possível. É a amante despojada a se questionar na busca da perfeição: "*Dei tudo de mim?*" (In *Dúvida Matinal*).

Eros passeia por suas páginas poéticas, na busca ansiosa do ser amante e amado. São versos como que produzidos em estado transcendental, momentos fulgurantes ou instantâneos eternizados através de uma câmera invisível:

Teus Olhos

*Mergulho nos teus abissais
olhos escuros. Magia pura.
Quando é noite bem escura,
são eles os meus guias noturnos.
Lúdicos e plenos de segredos,
a perfurar meu corpo, meus desejos.*

A autora é questionadora, engajada na vida e no viver. Vive todos os minutos e segundos da sua existência, mas não se esquece que tudo terá um fim. Também a morte, tão esperada e em antítese, tão repudiada, está sempre na espreita do ser humano que sonha com a eternidade. A Senhora da Ampulheta e das Vidas é cantada e decantada (In *Tempo Veloz*).

Seus poemas transmitem a arte do poetar. Mas acima de tudo, são lições de vida, da vivência enérgica e do amor. Um filosofar sazonado, impregnado de sabedoria. A poetisa é mulher madura e amadurecida, calcinada na busca incessante que sinaliza os itinerários árduos a serem palmilhados, num aprendizado permanente e eterno na busca do aperfeiçoamento do caminhar milenar da humanidade. E assim ela sentencia:

"Ser idoso e ser feliz não é meta de aprendiz".

O cenário está posto. A artista está prestes a entrar em cena. Afinal, somente o leitor dará o aplauso definitivo.

Vila de Noel, RJ, 6 de março de 2002.

(*) Poeta, romancista, conferencista, contista, ensaísta. Presidente do Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro (SEERJ) para o período de 2001 a 2004.

In Verbis

Gozo comigo mesma
no momento exato
e quando em prazer
me desmancho
em poesia me (des)faço.

Quando iminente o cansaço
a incerteza e o dissabor,
retorno ao meu encontro
choro reflito e me convenço
que ser só, é condição humana.

Óbidos

Num barzinho europeu,
um vinho quente.
Lá fora, o gelo.
Sobre mim, teus braços
e em nós, desejos
festejos anseios.

Naquele momento
de esperança contida,
uma certeza maldita:
Meu retorno ao país de origem.

Hoje Todos me Fizeram Falta

Hoje relembrei o ontem
o antes o durante e o talvez,
tempo descontraído
com jeito de nunca mais.

E numa das vezes em que
incitavas-me a te querer,
sem compreender do instante
a razão e, a sofrer,
saí porta afora sem
nada ou coisa alguma entender.

Lembrei-me então
dos vários momentos de prazer
e hoje, todos me fizeram falta:
a casa o cachorro e você.

Metamorfose

Vida afora, várias perdas
metamorfoseando tudo
e, quando menos esperava,
te perdi sem querer e sem sentir.

Mas, tua sandália havaiana,
muito sacana, esquecida
num cantinho do meu quarto,
permanece me pisando.

E como dói !

Um Bloco na Praça Mauá

Ali, no cais do porto
do Rio de Janeiro,
meu primeiro choro na Pro-Mater.
Olhinhos ingênuos viam espantados
um bloco de mascarados.

Foliões desfilavam alegrias
desejos contidos reprimidos
por falta de mil e um amores,
talvez não correspondidos...

E assim nasceu mais
uma carioca da gema.
Desculpem, da gema não,
da clara da claridade
de um carnaval de saudade.

Só de saudades.

Visões

Insônia, talvez,
caminho certo
para reflexões
e indagações mais profundas.

Pesadelos, sim,
um retorno ao fim
do que não foi
nem poderia ter sido
jamais desejado.

Visões confusas
de momentos incertos
nos fazem acreditar
que a realidade é outra
posto que, o que se quer
permanece inesperado,
restando-nos apenas:
rotina...rotina...rotina.

Janelas

Amplidão, quase liberdade.
Ânsia contida, expectativa
de um elemento surpresa
e a incerteza do que virá.

Janela do tempo contido
janelas de mim,
madeira emprenhada de cupim.

Amplidão solidão
caminham ombro a ombro
e janela, só aquela, onde
pela primeira vez te avistei.

Desertos

Areias mutantes do Sahara,
grande "Erg" Ocidental,
terra de beleza inútil
e o vento, que nunca deixa de soprar.
Absintos, enfim, predominam.

Montanhas de areia
ressecadas pelo sol
divididas pelo vento.

Desertos que não invento:
Sede suor e sal
gargantas em desespero
e meu cantil vazio.
Cabeça em fogo
em corpo cansado.

Onde um oásis ?

Viver

Um jeito fácil de buscar
estrelas no chão de cada dia.
Forma estranha de no céu querer pisar
e a lua, um rosto alegre
a nos contemplar.

Viver é sonhar e achar
ser bom o não sofrer.
É ter a certeza que só você
pode se contemporizar com você.

Dúvida Matinal

Corpos ofegantes
buscam prazeres.
Insaciáveis prosseguem
noite adentro.

Renovam-se nas tentativas
de surpresas mútuas.
Um se aperfeiçoa no outro.
Num erotismo frenético,
sinestesia envolvente.

Mas pela manhã,
revela-se o ser carente
e dúvidas permanecem:

dei tudo de mim ?

Tristeza, não

Tristeza ?
Sinto que não
é dor de desamor
corpo que se nega
a outro corpo.

Um vazio pleno
impotência malvada
coibindo sentimentos.

Tristeza, não
é falta de gente para nos dizer
mentiras inteligentes
revigorando nosso ego
fragilizado por decepções permanentes.

Tristeza, não, é falta de gente.

O Mistério

Vão-se os cabelos e os dentes
e o fim começa a preocupar.
O fim de tudo,
até de amigos e parentes.

Mas Henriqueta Lisboa
me conforta,
enquanto não estou morta:
“O mistério não está na morte
e sim na vida”.

Paz

Um desejo da maioria,
uma utopia talvez.
E o mundo conturbado
prossegue em ritmo acelerado
com o extermínio de inocentes.

E ela, quase sempre ausente,
já não lembrada facilmente.
Os que a desejam, sofrem,
pois esta necessidade de encontrá-la,
nos deixa profundas marcas
na alma e em todo o nosso universo.

Paz, um dia chegarás
e custe o que está custando
(gente morrendo e matando)
um dia, tu chegarás !

Tempo Veloz

Tempo veloz a cavalgar estradas
tempo que o tempo não soube deter
parece que foi ontem, e em revoadas,
foram-se os sonhos sem se perceber.

Tempo feliz, mas vidas dispersadas,
tempo que nada irá nos devolver,
findam-se assim velhas encruzilhadas
vão-se os desejos e do amor, prazer.

E por fim, a rotina enfadonha,
aguarda-se o final desses caminhos,
da rosa, resta apenas os espinhos.

Missão cumprida ou não é tão medonha
a incerteza da vida em desalinhos
e a morte em longa espreita em nossos ninhos.

Quem sabe um dia...

Desajeitado
de olhar intenso
ora suave ora altivo.
Vulnerável inquieto
provocas em mim, suspiros.

Finges não me ver
e quando me olhas de soslaio,
um sorriso teu me basta.

Nada posso fazer
nem sei como te prender.
Vai, outras te esperam.
Fico mesmo por aqui,
 fingindo nada sentir.
Vai, quem sabe um dia...

Aquela Esquina

Olhando aquela esquina
onde ontem te encontrei,
lembrei-me de um tempo azul.

No ar ficou todo teu cheiro
e meu coração, pleno de “más intenções”.
Lembrei de um abajur ao nosso lado,
cuja luz cansou de iluminar-te o rosto.

E eu até buscava muito mais, teu todo.
Tentativas frustradas inundaram minha cama,
“coisa de quem ama”.

E aquela esquina fez curva em mim
posto que, em vão, continuo te buscando.
Mas só ali.

A Força da Oração

Esta ansiedade me agride
de forma contundente
e presente permanece o pavor,
a necessidade de romper barreiras.

Pesadelo em que visualizo
um homem deformado que,
de tocaia, braços estendidos,
colou-se na parede do meu quarto.

Certezas tantas de que tentava
me destruir e, descoberta a trama,
bruxos outros se revezavam
com medonhas expressões,
prenunciando o êxito de suas
mais terríveis pretensões.

Uma oração mentalmente articulada
fez com que, aos poucos,
fossem todos sumindo.
E a tocaia fracassa e passa
a vontade de dormir.

Mais uma batalha vencida.

Flamengo

Por tuas ruas caminho
há mais de meio século.
Vizinhos cruzam comigo
a cada passo do bairro.

Tua praia já foi limpa
e as rústicas pedras retiradas.
Os “footings” já não mais existem
e o namorar se foi de nossas praças.

Mas te adoro assim mesmo
por saber não seres culpado
da violência e do desamor.
Nós, boêmios, te reverenciamos
no “Bloco do Cachorro Cansado”,
que é a tua cara o tempo todo.

Na Rua Marquês de Abrantes,
no “Lamas” ou no “Picote”,
um desabafo regado a chopp.

Sem grandes expectativas,
todos respeitam a lista de subida
e as baixas são sempre sofridas
pelos flamenguistas que ainda
aqui se encontram, curtindo
as tuas mais alegres ruas.

Lisboa

janeiro de 1998

Nosso primeiro encontro permanece
e me aquece uma saudade de ti,
nas horas em que vivo a divagar.
Em mim ficou a lembrança
de um povo culto e gentil.

Devorei-te com meus olhos,
alma e sentimento.
Recebida fui por teu Prefeito,
que abriu as portas da cidade
para nós, defensores do Direito.

Livros valiosos recebemos
para melhor te conhecer.
Teus bairros antigos, plenos de
um passado histórico,
me fazem lembrar uma velha canção:

“Lisboa velha cidade,
cheia de encanto e beleza
sempre formosa a sorrir...”

Coração de Poeta

*"A arte só faz versos;
só o coração é poeta."
André Chenier (1762/1794)*

Nasce um poema,
uma conquista que nos enriquece.
Sem saber controlar o pensamento,
este, comanda vivo toda a nossa espécie.

Fazer versos não é ser poeta,
nas entrelinhas, um coração se expande,
dentre vírgulas, um sentimento cresce.

Ser poeta é viver
ao sabor dos imprevistos
é descobrir que se é mesmo um Deus,
pleno de imaginações e de suplícios.

Fazer versos, não é ser poeta.

Experiência

Já não vive quem vive de um passado
nem mesmo quem de um lamento vive.
Se um amor for por nós eternizado,
só servirá para nos incomodar
nas horas mais difíceis.

Lembrei-me de uma moça recatada
que só pensava no primeiro namorado,
hoje ela chora e lamenta em sua cama,
pois não vive, quem vive de um passado.

Sol

Nome de batismo de mamãe.
Amazonense de sete costados,
lá das bandas de Itacoatiara.

Única mulher e a mais velha
de quatro irmãos.
Vovó, Fortunata Alves Cohen,
ao meu pai ofereceu a sua mão
e a Branquinha (só como a chamavam),
casou por procuração.
Papai, paraense de Cametá,
morava no Rio, para
de vida melhorar.

Ela veio de navio e trouxe os irmãos.
Um de cada vez.
Apaixonou-se pela cidade
e daqui não saiu mais.

Que saudade ela me traz !
Sol, no duplo sentido,
possuía seu próprio brilho.

Eu não sabia o quanto a queria
e hoje, o meu dia-a-dia,
um simples resto de alegria,
é dor que não mata, mas castiga,
uma agonia, noite e dia...noite e dia...

Imortal

Sabe, poeta não morre,
finge que vai somente.
Tempos depois, nas rodas de poesia,
nas academias, em nossos quartos
salas e antologias,
se faz novamente presente.

É, poeta sobrevive camaleonicamente.

Milenar Sensação

O mais velho ancestral do homem
(seis milhões de anos de idade),
foi agora encontrado no Quênia.

O mais antigo hominídeo,
(tamanho de um chimpanzé),
andava ereto igual a um Zé Mané.
Chamam-no de “O Homem do Milênio”,
ossos encontrados são de machos e fêmeas,
cujo fim talvez tenha sido trágico,
nas garras de um grande carnívoro,
provavelmente um felino.

De lá para cá
será que alguma coisa mudou ?
Homo sapiens Homo erectus
Homo habilis Homo sexus...virtualis
É homo aqui ou em qualquer lugar,
desde que o mundo é mundo,
o negócio agora, é encontrar !

Qué Cachondos !

Na Praça Mauá, aquele bordel
em nada mudou:
Paredes vermelhas, cortinas lilazes
e a água, continua escassa.
Um “experto mariñero” é quem desabafa:
ahora son poquíssimas las mujeres acá,
pero los travestis, Dios mio, qué cachondos!

Cachondos: uma expressão popular espanhola que significa: Sensuais,
gostosos, tesudos...

E a brisa...

Sol terra mar
nuvens.. céu.
Tudo que se quer
num momento de paz.

Uma trégua. Braços abertos
corpos inertes acariciados
pela brisa que suaviza
angústias mágoas e medos.

Sol terra mar
nuvens...céu
e a brisa.
Um carrossel de sonhos.

Teus Olhos

Mergulho nos teus abissais
olhos escuros. Magia pura.
Quando é noite bem escura,
são eles os meus guias noturnos.
Lúdicos, plenos de segredos,
a perfurar meu corpo, meus desejos.

Teus olhos deveriam ser
proibidos de me olhar,
para que não descobrissem
este amor-loucura.

Não deverias me ver da forma
em que me sinto, despencando
de um décimo terceiro andar.

Lua Nossa

Quando cheia, mais parece
uma bola de cristal
onde antevejo mil sonhos.
De beleza cobiçada, rebrilhas
a cada minuto, a cada instante.

Inspiração que nunca tem fim.
Luz na madrugada.
Magia sempre.
Lua, Deusa dos Poetas !

Pescadora

Para pescar poemas, sou marujo
sou pirata em alto mar,
afundo-me e se for o caso,
posso até me afogar.

Para pescar poemas navego
em altas ondas.
Minhas iscas são seguras,
não perco nada no mar.

E, deitada sobre as águas,
relaxo e solto as feras
fazendo o coração vibrar.
Só para pescar poemas.

Reflexão

É diferente a sensação que o tempo
nos traz dia-a-dia, a cada instante.
Desprendimentos acontecem ou não,
uns ficam mais seguros que outros
e a maioria sofre de solidão.

Uma palavra, um cumprimento de mão,
suavizam nossos temores.
Ser idoso e ser feliz não é meta de aprendiz,
necessário se torna encontrarmos amigos
que nos façam tolerar a razão de viver.

É não se aborrecer com qualquer coisa
e o bom humor, nos ajuda a prosseguir.
Cantar se for possível, dançar, até pintar,
são caminhos que amenizam
as agruras do tempo a persistir.
Conselhos mais conselhos não resolvem,
mas tudo isto, é só para refletir.

Artimanhas

Foi numa tarde assim, tão deslumbrante,
que conheci do amor as artimanhas
e o teu olhar brejeiro, fascinante,
profundo penetrou minhas entranhas.

E sem sobreviver qualquer instante
deixando de lembrar nossas façanhas,
confesso com saudade, era excitante,
o visitar teu corpo, tuas manhas.

Enamorados sim, mas infinita
é a sede de amar, é a candura
que chega enfim com tal paixão bendita.

Nada a temer, felizes prosseguimos
porque o amor é prazer, é só ternura,
que por alguém um dia nós sentimos.

Anos Dourados

Descrever tristezas com requintes de detalhes
saturar o ar com lamentações,
sumirão parceiros.
Ouvintes marginalizarão tua presença.

Não falo da minha dor
não quero desagradar.
Se o sofrimento é sentido, apenas sentido,
quem se importará com suas penas ?

Canto as mensagens de um Cole Porter
e se o meu cantar conforta,
pouco me importa se um bolero machuca.

Quero é muita festa em bailes de formatura
saia rodada em cinturinha de vespa
sapatos salto alto.
Meu tafetá roçando tuas coxas
tua boca em minha boca.

Maria Mineira

Dormir na calçada
de rua movimentada
nos filhos agarrada
é coisa de Maria Mineira.
Mulher estranha
que não se envolve com ninguém,
que lava roupa numa lata de banha.
Em praça pública.
A cachaça é alimento
e neste tormento pra sobreviver
pede não, nem lê.
Seis filhos enchupetados, desbotados.
Se a rua é lar, é casa, é quarto,
a praça é sala de banho e de visita.

Estudantes do CIEP da Central,
caçula é o Gerdal
que não entende o carnaval
na vida de Mãe Maria,
dona deste poema,
e que o use como travesseiro
para amaciar desejos
e sonhar com a casa de Austin
que um dia, sem perceber, perdeu.

Falar de Francisco...

(Professor Francisco Igreja, falecido em 05.12.92)

Francisco Igreja me lembra
uma caixa de surpresa
cuja tampa, cravejada de marfim
safira e quartzo rosa,
nos revela transcendências
o não dito mal guardado
em simbolismo pérfuro-cortante.

Dentro, o concreto, o abstrato,
sem mágoa e sem perdão.
A própria poesia deslumbrando
gregos e brasileiros.

Seus altares, imprevisíveis,
altivos carismáticos.
Igreja, nosso Igreja,
vivenciamos a missa última:
monges, em cantos gregorianos,
preconizaram devoções.
Cresceu a saudade
de tão suave e viril imagem
em simbiose de seres iluminados.

Não Mais Sozinha

Após um show, o retorno
na madrugada fria e chuvosa.
Perigosas encruzilhadas
calçadas tortuosas.

E o ônibus não chega,
o pavor se apodera de mim.
De repente, um atabaque
batendo forte
clamando por OGUM.

Tento em vão descobrir
de onde vem aquele canto
em louvor ao dono do aço.

Mas o ônibus chegou
o medo passou
passou o cansaço.

Desígnios

Inquietam-me sentimentos
escondidos há tanto.
Se teu todo me faz falta
ontem ainda, tua ausência não sentia.

Agora seria diferente. Como seria!
Amar-te-ia com a resignação
dos predestinados a ficar sózinhos.
Com a coragem de quem sabe suportar
os mais indesejáveis desígnios,
buscando no espaço cósmico
uma estrela do Centauro
para iluminar nosso quarto.

Submissa sim,
mais do que fui um dia,
aos mínimos anseios renunciaria.
Vida simples, sem rodeios.

Escrava então seria:
marionete tapete brinquedo.
Espelho, a refletir somente a tua imagem.

Falar sobre nós...

Parece até que é fácil.
Se não me engano
ontem mesmo tentei, só tentei.
Confesso, procurei ajuda,
fui mal sucedida:
Buscavam conceitos
meus conceituados amigos.

Me senti perdida.
E, como por encanto...
Eu disse encanto ?
Penso que acertei.
É puro encantamento
nos sentirmos poeta
é mágica perfeita:
Gotas de chuva são gotas de cristais,
lágrimas, doce riacho doce
e o sol, não só nos aquece
também nos ilumina.

E de um poeta, quem esquece ?

Algumas Trovas

A saudade é bandoleira,
Sem hoje e sem amanhã.
Travosa como a cidreira,
Rosada como a romã.

Foi te olhando que aprendi
Sobre a força de um olhar
Foi te amando que senti
Mais vontade de te amar.

Nas asas da liberdade
Firmei meu corpo a voar
Pois ser livre é ter vontade
De não parar de sonhar.

Homem é bicho engraçado
Não se dá por satisfeito,
Pois tendo mulher do lado,
Quer sempre outra no leito.

Me criticam os amigos,
O que só me dá prazer,
Mas se tenho inimigos,
Estes, eu nem quero ver.

Minha mãe não tem descanso
Nem após sua partida,
Pois de chamá-la não canso,
Pelos caminhos da vida.

Lembrei-me

Lembrei-me das margaridas,
das camélias, recordei.
Bendigo aquele jardim
onde flores se amavam
onde sonhos deixei.
À noitinha, escondida
atrás das árvores,
não nego, observei:
Os miosótis, em frenesi,
cobiçados pelas hortências.

E o que dizer das rosas,
que empertigadas,
ficavam mais formosas
em suas ardências ?
Sim, um colorido
que nos fazia crer no amor,
mesmo tendo presenciado,
um girassol desprezando a noite.

Propriedade Absoluta

Grandiosa é a vida:
expectativa
ansiedade busca
prazer dor
solidão
decepções
ânsias de amor...

Porém, seja lá como for,
princípio meio e fim
nos pertencem.

Grandiosos na verdade,
somos nós.

Happy End

Sério mistério o pensar
no amanhã.
Se o hoje foi pequeno
abaixo as dimensões.
Quero sentimentos
sem regras sem medidas.

Uma afeição a mais
um beijo a menos,
não diminuem a lucidez
de um poema
cujo tema
suplica por um "happy end"

Amor Canino

Quanto mais conheço o ser humano,
mais me apego aos cães.
Falam com os olhos e pedem
apenas atenção e presença.

Trazem-me segurança
disfarçam carências
amedrontam a solidão
vêm televisão
e só dormem quando eu chego.

Se por acaso estou triste,
deitados nos meus pés,
aparam com os olhos
toda a minha "nausée".

Discreção

Pretendo ser bem discreta,
não contar nada amanhã,
quero apenas que o poeta
lembre-se de nos dizer
o que fez com a pobre rã.

- pois saiba agora senhora,
que todo poeta é bruxo
e ao precisar amarrar
a mulher dos meus poemas,
não quiz comprar diademas.

Sua rã estava por perto
ficando boquiaberta
ao ouvir os versos meus,
não duvidei um minuto
e em sua boca coloquei
o nome da minha amada.
Estrebuchou a coitada,
quando tudo costurei !

O que aconteceu não sei,
se é verdade ou se é mentira,
dizem que a rã não morreu
que a boca descosturou
e onde mora minha amada,
perambula nas calçadas
repetindo versos meus.

Os Turrões

Amigos muito sensíveis
se tornam assaz enfadonhos
e os rígidos conceitos
que os levam pela vida,
tão plenos de preconceitos,
não evitam os tropeços.

Melhor, enfim, os turrões
que nada querem saber,
vivem mesmo aos trancos
sem tempo para sofrer
sem tempo para chorar
nos ensinando da vida,

o importante be-a-bá.

Apelo

Poderá Deus ouvir o meu apelo ?
As guerras e guerrilhas, até quando ?
acéfalos prosseguem em desmazelo,
civis e militares se matando.

Por motivos mesquinhos e sem zelo,
vão crianças e velhos liquidando,
um desmando total, nenhum desvelo
famílias destruídas, se acabando.

Necessário será discernimento
e lutar pela paz sem crueldade,
povos unidos que a todo momento,

mais bons frutos irão sempre colher
com seu labor, com muita dignidade.
Unam-se irmãos, para não mais sofrer !

Reina, rainha...

(Saudosa homenagem à minha prima,
Reina Benoliel Serruya)

Te vejo toda de branco
a passear por um jardim
celestial, florido,
onde a paz e o amor existem.
Ouço a tua voz meiga e pausada,
acalmado corações aflitos.

Na terra fostes mãe bondosa,
amiga de todos aqueles
que buscavam um consolo,
nas horas amargas e difíceis.

Tua paz, fruto de um exemplo,
é resultado de uma única certeza
que te acompanhou sem cessar,
a de que Deus existe e tu, filha querida,
a que jamais duvidou de Suas Leis.

A saudade permanece em nós,
serás lembrada para sempre
nossa Reina, rainha cuja luz
jamais se apagará.

Adonai, Adonai, olhai por ela, olhai !

Sinal do tempo...

Meus 12 anos...
E assim as lembranças
começam a me incomodar.
Sinal do tempo,
do pouco que resta
para de meninices falar.

Da Rua Machado de Assis
(tinha que ter nome de poeta),
do bloco de sujo
que era meu, muito meu,
pois ninguém requebrava
melhor do que eu.

Pires na mão dava lucro
e quem o dividia era eu,
que ficava com a melhor parte.

Triste mesmo era voltar pra casa.
Papai me batia
e meu carnaval, lá se ia...

E um novo sonho...

Em certas horas tristezas persistem,
são estes os momentos mais sentidos
são as perdas constantes, as que insistem,
em nos levar os entes mais queridos.

E ao tempo assim veloz, poucos resistem
às emoções, momentos tão sofridos,
vazios se engrandecem, nos mantém
bem mais sensíveis, bem mais comedidos.

Mas prosseguir é fato consumado
e procuramos paz entre os amigos,
os mais leais ficam ao nosso lado,

dando-nos força e valorizado
o nosso ego, findam-se os castigos
e um novo sonho surge iluminado.

O Gongá de Dona Cida

A necessidade e a fé
me levaram até seu Zé,
pois Pelintra é sobrenome
de um dos reis do candomblé.

Atrás da porta da rua, disse ele,
a quartinha com carvão
e aos domingos, defumador,
para maior proteção.

E às segundas, faça assim:
pó de café, farinha, açúcar,
casca de alho mais louros
para não faltar o pão.

“SIMPATIA PARA TODOS OS FINS”
dizia o cartão-convite
que me levou até lá.
Com a subida do Orixá,
eu conheci Dona Cida
e o seu deslumbrante gongá.

Em breve pretendo voltar
para rever Dona Cida,
vou pedir-lhe outra benção
vou contar-lhe meus problemas
(a cabeça em seus joelhos).

Vou buscar mais proteção
para um pobre coração,
descrente dos “fios de terra”.

A Pitonisa

Num ecletismo incontido
revelo-me não ser eu mesma
quando em altos vôos me perco.
Sou águia cotovia judia
luar do meio-dia
pomba gira cigana
exu de encruzilhada.

Sou tudo sou nada.
sou mais a cartomante
a pitonisa que vive em mim
cobrando o jogo:

Em três dias faço a pessoa amada voltar
desafeto desaparecer
tristeza não chegar.

E se duvidar, faço até você,
nem ser mais você !

Saquaremando

Uma casa na ladeira
uma varanda, uma maneira
tão gostosa de viver.
Quando eu chego em Saquarema
eu me ligo neste tema
e deixo a vida acontecer.

Vejo a lagoa, o pôr-do-sol,
toda a beleza de um girassol.
Não sinto o tempo correr.

Vou às serestas, pra lembrar
aquelas festas, aquele bar
e de manhã em Itaúna
eu tomo uma
só olhando aquele mar.
A vida é boa, melhor será,
tendo você pra gente se amar...

Esta é a letra de uma toada, já folclorizada em Saquarema/RJ,
sempre tocada nos dias do aniversário da Santa Padroeira dess
e Município, N. Sra de Nazareth, gravada na voz da autora
da letra e da música, que é a autora deste livro.

O Ser e o Não Ser

Anseios incontidos não se alteram
a cada instante em que sonho contigo
e os mares complicados não nivelam
as ondas escolhidas como abrigo.

As horas vão passando e as noites selam
os lúdicos orgasmos que fustigo
entre o ser e o não ser, pois se revelam
prenunciando assim desejo antigo.

Espelhos não refletem tua imagem
tão bem guardada sobre o travesseiro,
passaporte seguro da mensagem

aos céus do meu prazer - ebulição -
onde serás o único e o primeiro
e eu, súdita, coberta de paixão !

O Que Restou

Vivo pensando em te reconquistar
para livrar-me enfim desta agonia,
o não te ver me lembra um despertar
sempre sem luz, sem graça, em pleno dia.

Vivo querendo mesmo é confessar
profundo sentimento que inebria
e ao não saber saudades sufocar,
clamo este amor em forma de poesia.

Invejosos nos rondam com seus nada
e não tentam sequer isto esconder.
Pessoas infelizes, mal amadas.

Mas dei um basta nas arquibancadas,
sem platéias, iremos reviver,
o que restou de nossas caminhadas.

Ironia

Ironia do destino:
Você comendo caviar
e eu sózinha
jantando desejos.

Um Jogo

A vida é um jogo.
Nele participo há tempo
e ainda não ganho fácil,
mas já não pago pra ver.

Perdão

Não fui ao teu enterro.
Mas em vida,
te dediquei todas as lágrimas
que consegui derramar.
Não fui ao teu enterro.
No entretanto, consegui te perdoar.

Um Lago

Sou lago manso à espera
de um mar incontido
a desaguar em mim
toda a água do mundo.

Sou lago doce:
sempre virando mel.

Sou lago estreito:
um de cada vez.

Sou lago insaciável:
sempre querendo mais.

O Clímax

Sou cobra querendo se enroscar.
Te busco no lençol de cetim,
não rosa, vermelho sim.
Dedos em garras percorrem teu corpo,
macio demais em mãos tão ásperas.

Tentamos o clímax
e um passeio maior nos espera.
Tu em mim, eu em ti
e o passeio, se eterniza.

Vivência

Não me sinto dividida,
dei-me inteira sempre.
Não me sinto vítima,
vivenciei cada minuto sofrido.
Não me sinto cúmplice,
lutei contra as injustiças.

Não me sinto só.
Tenho o amor dos amigos de batalha.

A Espera

Nossos momentos mais angustiantes
vêm do esperar, e em chama o coração,
tentamos esconder os penetrantes
anseios de viver uma paixão.

São voluptuosos, quase alucinantes,
os devaneios dessa emoção.
No ar, sons musicais contagiantes,
presentes nos instantes de ilusão.

A esperança, porém, mesmo fingida,
traz certezas de dias mais serenos
e um sorrir cobre a lágrima sentida.

Esperar é o mais triste dos castigos
mas se esperamos, com certeza, ao menos,
nossos sonhos serão nossos abrigos.

O Ser Humano

Um conquistar de troféus
um reerguer de platéias
em busca de si mesmo.

E vem o tempo e nos prova
que nada nos eleva mais
do que um verdadeiro sentimento.

Aos amigos

Um abraço carinhoso
um desejo afetuoso
de tê-los sempre comigo.

Seja cantando declamando
ou dizendo poesia,
são vocês que vão me ajudando
me fazendo suportar
o peso de um dia-a-dia.

Cantores, poetas e amigos,
agradeço o carinho de vocês
que de alguma forma,
fazem parte do In Verbis:

“Palavra por Palavra”, é
tradução ao pé da letra,
de quem só fala o que sente.
Erros muitos, poucos acertos,
vou segurando no mastro,
até quando Deus quiser.

Será que Ele há de querer ?

Sobre a Autora

Messody Ramiro Benoliel, artisticamente conhecida como Messody Benoliel, é carioca, sagitariana, advogada, poeta, cantora, compositora. Em cada uma dessas atividades, sempre teve uma vida intensa.

- A advogada: Formou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (velho casarão do Catete), em 1956, tendo sido a primeira Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil-Mulher, da 28ª. Subseção e durante 2 biênios, Presidente da Subcomissão de Direitos Humanos da OAB, também na 28ª. Subseção, na década de oitenta. Exerce a profissão, tendo se especializado na área trabalhista.

- A cantora: Para quem não sabe, começou pelas mãos de Renato Murce, no Programa Papel Carbono, da Rádio Nacional, na década de cinquenta. Cantava músicas do repertório de Dinah Shore, Ella Fitzgerald, Doris Day e de outros cantores. Cantou com grandes orquestras nos bailes de formatura em que ia para dançar, o que nem sempre acontecia, pois se empolgava e não queria mais parar de cantar, como ainda canta, com grandes músicos brasileiros, o Clássico Popular, MPB e Samba. Em francês, tem agradado muito a todos que a ouvem, tendo sido chamada de Edith Piaf brasileira, pelo saudoso cantor intérprete Ivon Cury. Profissionalizou-se há muitos anos e canta em 5 idiomas.

- A compositora : Ficou conhecidíssima no Município de Saquarema, onde durante mais de dez anos, foi autora dos sambas para os blocos Reco-Reco e Grilo, os quais eram cantados por ela nos ensaios e durante os desfiles carnavalescos.

É também autora de toadas cantadas pela população. Em 85, recebeu o título honorífico de Cidadã Saquaremense, do qual muito se orgulha, das mãos do Juiz de Direito Dr. Leomil Pinheiro.

- A poeta: Começou a fazer poesia aos 14 anos de idade e acha que ainda tem muito a aprender. Messody Benoliel, como é conhecida, foi Presidente Fundadora da Associação Profissional de Poetas no Estado do Rio de Janeiro (APPERJ), pertencendo a várias Academias de Letras, tendo sido a primeira mulher a ser Vice-Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil, biênio 98/99, possuindo várias premiações como poeta. Autora dos livros de poesia: "A Solidão Que Ficou", "À Flor da Pele", "Identidade em Noites de Coroação", "Sob Todas as Coisas", com várias obras em Cordel, sendo Vice-Presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e atual Presidente da Sociedade Literária do Soneto, que se reúne mensalmente, no centro da Cidade do Rio de Janeiro.

Os Editores